

Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empresa Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Lafayette, PARIS

Telephone : 324-26

PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de porte) Pagamento antecipado	Anno	Fr.	14 00
	Semestre	—	7.50
	Numero 2 avulso	—	0.30

ENTREVISTA

COM O SR.

LÉON POINSARD

*Cavalleiro da Legião d'Honno, Vice-Presidente do "Bureau International de l'Union
pour la Protection des Œuvres Littéraires et Artistiques"
Cavalleiro do Commercio Exterior da França*

(Continuado do nº 20).

Pois posso informal-o, por um lado, de que o contribuinte fica privado de toda a defesa séria contra as extorsões ou as pressões politicas exercidas por intermedio do fisco, e por outro, de que esse regimen fiscal que nenhum parlamento digno de tal nome accitaria, já o denominado parlamento portuguez o votou a esta hora, quasi sem discussão, a uma simples ordem breve e secca d'um chefe de governo que é digno d'aquellas camaras, como aquellas camaras são dignas d'elle. De resto, esta lei tributaria, que resulta das difficuldades em que a Republica se encontra para fazer face aos tremendos encargos que creou, é offerecida ao publico como uma modalidade da *guerra aos ricos*, com que os actuaes dirigentes teem pretendido lisonjear desde o começo os instinctos da populaça.

Ora mesmo admittindo como verdade — e não o é

— que o novo aggravamento tributario victimasse apenas, directamente, os proprietarios ricos, parece-lhe que o proletariado pudesse recolher d'ahi algum proveito?

O snr. Poincard reflectiu por um pouco sobre este quesito, como que procurando para a sua resposta a formula generica e didactica. Volvidos assim alguns instantes, redarguiu :

— Quando um governo é bastante imprudente para sobrecarregar ou perseguir uma classe de cidadãos, toda a nação tem que soffrer com isso. Com effeito, as diversas camadas sociaes são estreitamente solidarias umas com as outras.

Um capitalista empobrecido pede menos ao commercio e á industria, de sorte que, no fim de contas, o empobrecimento alastra d'individuo em individuo e de camada em camada, como uma nodoa d'azeite.

A boa politica é unicamente aquella que se dedica a proteger igualmente todos os interesses e a facilitar por todos os meios o desenvolvimento do trabalho.

Para isso é preciso satisfazer a tres condições : assegurar a ordem ; seguir inalteravelmente uma politica racionada e liberal ; ter boas finanças publicas.



A desorganização da familia Não pude então imperdir-me d'observar ao sabio professor que a sua theoria de governo continha implicitamente n'estes tres preceitos a condemnação mais cabal da obra da Republica no meu paiz.

Mas como desejava ouvir o seu prognostico sobre os effeitos d'outros actos governativos do regimen republicano, falei-lhe das antinomicamente chamadas *leis de familia*, que são incontestavelmente das coisas mais obscenas que poderiam acudir ao espirito d'um *royou* arvorado em legislador.

O snr. Léon Poincard, que já n'aquelle seu citado trabalho deplorava, socialmente falando, a imper-

feita organização da família portugueza, obtemperou-me :

— A família é a molecula social primordial. Tudo o que tende a abalar a família, a contrariar-a na sua obra de crescimento e d'educação, torna-se uma causa de desorganização e d'enfraquecimento. E quanto mais desorganizada se encontra já a família, mais sensível é ás influencias dissolventes.

— O mais activo d'esses factores de dissolução, na legislação republicana, é a lei do divorcio. Se nos outros paizes o divorcio não é concedido senão em casos limitados e mediante formalidades mais ou menos longas, é evidentemente no intuito de se restringirem ao minimo os males sociaes e privados que resultam sempre da destruição d'um lar.

O nosso incomparavel legislador, porém, teve pelo contrario a peito facilitar essa destruição por todas as formas, estendendo-a ao maior numero de casos ; e feito isso jactou-se com a mais encantadora inconsciencia de que tinha esgaravilhado a *lei mais liberal* que existe em todo o mundo sobre o divorcio ! Faz decerto idela do que quer dizer isto : *a mais liberal lei do divorcio...* Na realidade, o instituto legal do casamento não é hoje entre nós mais do que um ephemero concubinato, registado burocraticamente, e que tão depressa se faz como se desmancha.

Conhecendo como conhece, o regimen e os costumes da família portugueza, o que lhe parece este... liberalismo divorciativo com que nos brindaram?

— En não sou adversario absoluto do divorcio... — murmurou o meu illustre interlocutor.

— Mas tambem não é d'isso que se trata — repliquei — É do nosso caso particular...

— Sim, — tornou o snr. Poinsard. — Estou com effeito persuadido de que se deveria restringir a applicação do divorcio aos casos gravissimos. A interdição do divorcio é preferivel ao divorcio facil.

— E em Portugal...

— Ah ! o divorcio facil é particularmente perigoso em qualquer paiz em que a organização da família

e o regimen da educação deixam a desejar, sobretudo no que toca á formação do caracter.



A campanha anti-religiosa — Tem noticia, por certo, da campanha que os poderes publicos encorajam e exercem em Portugal contra o catholicismo e em geral contra o sentimento religioso. O actual chefe do governo prometteu, em sessão maçonica, nada menos do que... destruir o catholicismo entre nós em não sei se duas ou tres gerações. Não ha muito passeavam-se nas ruas de Lisboa cortejos de creanças, levando á testa pendões com este distico : *Sem Deus, sem religião !* Que imagina dos effeitos moraes e sociaes d'esta propaganda no seio das massas?

— Em varios povos e por diferentes occasiões — respondeu o snr. Poincard — a religião tem sido misturada com a politica, umas vezes como amiga e outras como inimiga. Isto prejudicou sempre a religião — mas mais ainda os seus adversarios.

— De resto, não ignora sem duvida que em Portugal a chamada questão religiosa...

— Sim, — interrompeu o snr. Poincard — é uma coisa que sempre me surprehendeu, a irritação manifestada por certos portuguezes contra a influencia da Igreja, influencia que nunca me quiz parecer grande nem temível. O clero commetteu outr'ora, é certo, a inconveniencia de se envolver na politica...

— Não para fazer uma *politica religiosa*. Entre nós nunca existiu um partido clerical, ou pelo menos nunca teve influencia sensivel.

— Seja como fôr — ternou o snr. Poincard — julgo que bastaria excluir da politica o clero. E em todo o caso, parece-me bem que o novo regimen andou muito precipitadamente na sua acção para com a Igreja. Em todas as grandes questões, é de bom aviso proceder por evolução reflectida e cautelosa.

— Em Portugal — acudi — quem fala essa lin-

guagem é relegado *in-continenti* por aquelles pittorescos politiquelhos para o rol dos *jesuitas* e dos *traidores á Patria*... Cuidado, caro Mestre, que temos lá um Rodrigo Rodrigues, capaz de vér em si um tenebroso agente da Reacção e d'imaginar já que toda a sua obra não passa d'um capitulo d'algum plano occulto para o estabelecimento d'uma negra theocracia, universal! A coisa é tanto mais possível, quanto é certo que aquelle interessante ministro republicano não sabe lér nem escrever...



A questão da emigração e as ineffáveis chôchices do snr. Bernardino O snr. Poincard sorriu vagamente, como quem, de tão alheio ás salgalhadas d'ideias que refervem no caco dos nossos jacobinos, não comprehende já muito bem esta terminologia de *jesuitas*, *reacção*, etc., no sentido ominoso que lhe ligam entre nós o fradiphobo Faustino, Nunes da Matta o reformador, Estavão o publicista, e outros pensadores.

Revertendo pois aos páramos serenos da Economia Política, occorreu-me que não devia deixar passar em claro a questão tremenda do subito e vertiginoso augmento da nossa emigração.

Depois de ter communicado ao meu eminente interlocutor as cifras da nossa emigração actual e da dos annos anteriores á Republica, e de lhe fazer notar que a nossa emigração de 1912 attingiu pouco mais ou menos *o dobro do augmento annual medio da população nacional* tomado pela differença entre o numero dos nascimentos e o dos obitos (!) chamei ainda a sua attenção para estes característicos novos, assumidos pela emigração portugueza nos dois ultimos annos: primeiro, a emigração, que se fazia individualmente, opéra-se agora por familias, por povoações inteiras; segundo, a emigração que era geralmente temporaria, transformou-se em definitiva.

— O emigrante — observei — era geralmente o

chefe ou o mancebo da familia, para a qual vinha desde logo uma parte das suas economias. Muitas vezes o pequeno proprietario emigrava para encontrar fóra recursos que o livrassem da necessidade d'alienar as suas terras. E em todos os casos, adquirida na emigração uma grande ou pequena fortuna, o seu primeiro cuidado era fazer-se proprietario em Portugal ou alargar os seus domínios, se já anteriormente possuía ali alguns bens. Agora, pelo contrario, o nosso emigrante começa por se desfazer de tudo quanto tem, e vai embora levando consigo a mulher e os filhos. Nem interesses materiaes nem moraes o prendem mais á terra em que nasceu. É o abandono da Patria, e para sempre.

— E' grave — murmurou o sr. Poinard.

— Ha em Portugal quem tenha escripto que este acrescimo d'emigração resulta d'um excesso, d'um congestionamento de população no nosso solo...

— Então e o Alemejo?...

— Por outro lado, um ratão que bastante alegremente nos representa n'uma grande Republica sul-americana sahio-se a dizer que este incremento da corrente emigratoria traduz um *renascimento do nosso espirito d'aventura*, uma necessidade *d'expansão* experimentada pelo povo portuguez como consequencia do bem-estar que o novo regimen lhe propiciou. O povo portuguez, segundo este insigne palinodias, sentiu-se feliz... e botou a fugir.

Ora bem: que pensa d'um tão estranho movimento migratorio? Quaes serão na realidade as suas causas? Dadas as circumstancias que lhe aponteí, cre que essa causas sejam exclusivamente d'ordem economica? E que consequencias prevê a tudo isto?

Depois de se concentrar por alguns instantes, o sr. Poinard contraveiu nos termos seguintes:

— No curso ordinario das coizas, as correntes d'emigração são determinadas por causas muito diversas. A causa ordinaria e mais geral é a esperanza, por parte do emigrante, d'encontrar fóra do paiz

mais probabilidades de se assegurar uma situação estavel. É assim que os inglezes e os escandinavos vão em grande numero para os Estados-Unidos, para o Canadá, etc., á procura de terras vagas, que faltam nos seus paizes ; os italianos e os eslavos vão igualmente para ali, em busca de salarios mais elevados do que os da sua terra natal. Isto constitue uma corrente por assim dizer regular, que pôde ser attenuada ou precipitada por causas accidentaes.

Mas é licito afirmar que no nosso tempo não se emigra senão por necessidade real. Assim a Allemanha, com os seus 65 milhões d'habitantes agglomerados n'um territorio relativamente pequeno, não chega a dar 30.000 emigrantes ; é que este paiz é activo e prospero. Imagine uma crise politica ou economica profunda, e a emigração allemã engrossará immediatamente.

É necessario ainda distinguir entre a emigração temporaria e a definitiva. A primeira faz affluir numerario ao paiz d'origem dos emigrantes, sob a fórma d'economias importadas. A segunda não produz este affluxo d'economias, mas para um paiz activo e de grande producção pôde tornar-se uma base importante d'influencia economica.

— Não é infelizmente o nosso caso...

— Tratando-se d'um paiz pouco activo, cuja emigração se opère para paizes estrangeiros e sem animo de voltar, o facto traduz-se simultaneamente em perda de dinheiro, o que pôde produzir uma subida do agio, e em perda de mão-d'obra, o que acarreta uma alta dos salarios.

São outras tantas perturbações muito serias, que não podem ser apreciadas com phrases mais ou menos óccas.

Uma emigração voluntaria, recrutada nas diversas classes da nação e dirigida para uma colonia, daria preciosos resultados. Se porém é forçada por causas politicas ou economicas, não representa senão um enfraquecimento para o paiz.

O que conta o snr. Poincard d'El-Rei D. Manuel-Um Soberano revelado por um sabio. Sem querer entrar em discussão, porventura possível, dos pontos de vista talvez excessivamente specializados sob os quaes o snr. Léon Poincard encara o complexo phenomeno demographico de que se trata, emquanto ás suas causas determinantes e ás suas consequencias — pois não

O "Rei dos que trabalham" era evidentemente para discutir com elle que eu tinha solicitado ao illustre homem de sciencia o incommodo d'esta entrevista — julguei chegado o momento de o interrogar sobre os seus estudos com El-Rei D. Manuel e as impressões que lhe ficaram da personalidade do Soberano. Inspiração feliz, porque as informações que amavelmente me prestou o snr. Léon Poincard vieram a constituir uma parte sem duvida das mais interessantes da nossa conversa.

Como eu alludisse, com effeito, aos trabalhos economicos e sociaes de que S. M. fez menção na entrevista já publicada, perguntando-lhe se se deveria esperar d'elles alguma coisa util para o paiz, o snr. Poincard affirmou immediatamente :

— Mas sem duvida. De resto, não lhe poderia a tal respeito dar esclarecimentos mais desenvolvidos do que aquelles que estão exarados nas conclusões do meu PORTUGAL INCONNU, no texto francez.

— E o papel do Rei n'essa obra que tinham iniciado?

Então o snr. Léon Poincard, com o profundo accento de desapaixonada franqueza que põe em todas as suas palavras, disse-me textualmente :

— Visto que me fornece ensejo de fazel-o, é com um grande prazer que prestarei homenagem ao joven Principe que reinava ainda em Portugal quando visitei esse paiz.

D. Manuel era Rei havia apenas alguns mezes e os amigos que me tinham chamado fizeram-lhe conhecer o seu projecto. Desde logo, o Soberano interessou-se vivamente pela nossa ideia. Declarou que queria con-

tribuir pessoalmente para as despesas da missão e exprimiu o desejo de me vêr.

Foi assim que, por diversas vezes, tive longas conversas com o Rei. As circumstancias tragicas que tão brusca e inopinadamente tinham levado ao throno esse joven de tão verdes annos não podiam deixar de despertar interesse. Desde a nossa primeira entrevista, a este interesse ajuntou-se da minha parte uma verdadeira sympathia.

Com effeito, encontrei em D. Manuel um homem dotado de viva intelligencia e d'um espirito muito mais amadurecido do que eu suppunha. Evidentemente desconhecia muitas coisas, o que nada tinha d'extraordinario n'um Principe de vinte annos. Mas mostrava um tal desejo de se instruir, de se preparar para exercer com honra o seu officio de Rei ; falava do seu paiz com tanto amor e tanta esperanza, que era impossivel não se conceber uma viva estima por taes sentimentos, e sympathia por quem que os exprimia com uma grande simplicidade, mas com uma sinceridade evidente.

Queria ser, dizia elle, o Rei dos que trabalham, e á sua parte mostrava um grande ardor em aprender tudo aquillo que era necessario para exercer a acção útil, patriotica, que sonhava.

A este proposito, entregou-me uma série de perguntas que tinha preparadas para me submeter, pedindo-me que respondesse a ellas com vagar e por escripto. Essas perguntas são inteiramente caracteristicas. Indicam perfeitamente a tendencia d'espirito do joven Rei, mostram o melhor que é possivel a serieidade do seu character e o senso pratico das suas preoccupações.

— Não me poderia dar uma copia d'esse questionario?...

— Posso. Tenho-o ali — disse o sur. Poinard.



Um questionario caracteristico. E depois d'uma rapida busca estendeu-me uma folha de papel, onde a larga e firme lettra d'El-Rei alinhára a seguinte série de quesitos, que

Um Rei revelado litteralmente traduzo :

por elle mesmo *Que observou ao percorrer o nosso paiz, sob o ponto de vista do seu estado economico e social?*

Falou da desorganização da familia e da educação. Que se poderá fazer para as remediar?

A população operaria reclama justamente reformas em seu favor. Pode indicar coisas uteis a fazer n'esta materia?

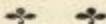
Sob o ponto de vista economico, a nossa situação é muito mediocre. Quaes as principaes medidas a tomar para favorecer a agricultura, a industria e o commercio?

O nosso paiz é principalmente agricola. De que maneira poderíamos tirar melhor partido dos seus recursos por via da exportação?

Possuimos magnificas colonias, que todavia não aproveitamos sufficientemente.

Parece-lhe que a colonisação penal daria resultados?

Queira indicar-me de modo geral tudo o que julgar util para o bem do meu paiz.



Depois da revolução. — Esse questionario é com effeito a mais eloquente auto-biographia d'um Rei...

Um novo encontro O snr. Poincard proseguiu :

em Berne. — Respondi a estas perguntas em memorias tanto quanto possivel **As ultimas palavras do snr.** concisas e claras. Sei que D. Manuel Poincard as leu e comprehendeu, porque me escreveu por diversas vezes para me pedir explicações. Mas faltavam-lhe coadjuvações necessarias, alem de que se encontrava cohibido pela politica esteril dos claus rotativos.

A revolução veio surprehendel-o no meio dos

esforços que estava empregando para se tornar um Soberano esclarecido e util.

— E depois, nunca mais esteve com o Rei?

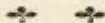
— Sim, vi-o mais tarde, aqui em Berne.

Uma nova catastrophe, a revolução, tinha ainda uma vez perturbado a sua vida, enchido o seu coração d'amargura e comprometido gravemente a sua saúde. Todavia, um sentimento permanecia sempre igual a si mesmo no joven Principe : o amor do seu paiz e a esperança de vir ainda a ser-lhe util.

Além de que, D. Manuel manifestava inteira consciencia de haver procedido o melhor possivel e de ter cumprido fielmente todos os seus deveres. Penso que, com effeito, o seu Rei está ao abrigo de todas as recriminações, o que aliás não se poderia dizer a respeito de muitos homens politicos de todos os partidos.

— É-nos um verdadeiro prazer, caro Mestre, ouvir da bocca d'um estrangeiro, tão insigne e ao mesmo tempo tão insuspeito de *parti-pris*, essas palavras de justiça ácerca do nosso Monarcha. Nós os realistas somos muito devotados a D. Manuel pela sua pessoa, evidentemente, mas muito tambem porque elle symbolisa uma causa que é a de todos os interesses, tanto moraes como materiaes, da nossa martyrisada Patria.

— Bem vê — tornou o snr. Poincard — nos negocios portuguezes não tenho que immiscuir-me, a não ser para o effeito d'estudos puramente scientificos. Mas é-me muito agradavel manifestar a alta estima e a respeitosa afeição que me inspiraram as minhas relações pessoais com D. Manuel II. Todos os portuguezes comprehenderão os meus sentimentos a este respeito.



Com estas dignissimas declarações, simples e gravemente ditas, entendi terminar a minha conversa com o illustre economista. Pela categoria intellectual de quem as pronunciou, ellas decerto fazem honra ao

Senhor D. Manuel II ; mas não deixam de nobilitar ao mesmo tempo o character e a isenção do eminente homem de sciencia, que não pôde deixar de ser simultaneamente um insigne homem de bem.

E não foi sem emoção, uma emoção vaga e indefinível, onde havia alguma coisa d'orgulho — alguma coisa tambem de melancolia e de saudade — que eu recolhi esta homenagem prestada ao nosso Rei portuguez por uma figura de renome mundial, n'uma lingua estrangeira, n'uma terra estrangeira, em palavras que tomavam uma sonoridade quasi solemne ditas ao ar sêcco e limpido d'aquelles altos montes, monumentos collossaes e venerandos que dizem toda a historia da forte e gloriosa Helvecia...

Oh minha Patria ! Porque não soubéste ser tambem assim altiva, tenaz e indomavel ? Que te faltava para seres feliz senão a consciencia de ti mesma... e um grãosinho de bom-senso a temperar a volubillidade, o irrequietismo, a inconsequencia de teu imaginoso e ephemero espirito latino ?...

ANNIBAL SOARES.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida de futuro para a sua nova séde :

Empreza Editora "*Chronica do Exilio*".

SAINT-JEAN-DE-LUZ,

(B.-Pyrénées)